

Empresários defendem reativação econômica

Da sucursal de
PORTO ALEGRE

"Os fatos estão confirmando que um processo recessivo, calcado na forte indução da oferta monetária interna e consequente estrangulamento da produção, não conduz a um eficiente combate à inflação" e, portanto, é preciso "redinamizar a economia", com "um novo alinhamento econômico frente à demanda interna, um novo processo de substituição de importações, uma política de exportação mais definida e, principalmente, uma política industrial firme, articulada e complementadora do parque industrial já existente".

A advertência foi feita sexta-feira, em Foz do Iguaçu, ao final de uma reunião dos presidentes das Federações das Indústrias do Rio Grande do Sul, Sérgio Schapcke; do Paraná, Altavir Zaniolo; e de Santa Catarina, João Júlio Muller, com mais de cem empresários dos três Estados. Num documento intitulado "Carta de Foz do Iguaçu", em que eles defenderam a reativação da economia, criticaram ainda o que consideraram "a pior forma de estatização: a das decisões", observando: "É constrangedor observar que a noção do saber vem sendo subjugada pela pressunção da infalibilidade, sem respeito pelos princípios inspiradores e um diálogo excessivamente construtivo, voltado para os altos interesses da Nação".

O documento destaca que "somente a força do trabalho, vale dizer, a atividade plena, proporciona crescimento suficiente para resgatar dívidas, para negociá-las favoravelmente, como efetivos investimentos de retorno assegurado" e, por isso, os empresários questionaram a política recessiva como instrumento eficaz de política inflacionária. De acordo com a carta, "não há sentido construtivo em apenas buscar definições ou causas para a nossa inflação. Basta entendê-la como de custos, pois jamais terá outra enquanto houver capacidade de produção ociosa, trabalhador desempregado e população com relativo baixo poder aquisitivo".

Segundo o documento "evidencia-se uma excessiva transferência de poupanças privadas para o setor público e um dirigismo oficial na área financeira", enquanto, por outro lado, alerta que "a classe empresarial tem sido surpreendida com novos sacrifícios tributários, alguns repassados ao consumidor final, vítima fatal dos impostos indiretos, outros suportados pelos próprios empresários com corte de investimentos ou sacrifício da legítima parcela de seus lucros".

REATIVAÇÃO

Ao final do encontro, o presidente da Fiergs, Sérgio Schapcke, disse que "em vista da gravidade do momento, é necessário buscar caminhos que reativem a economia, promovam o desenvolvimento, gerem empregos e consolidem, mais do que tudo, a nossa nação de forma livre e democrática".

Para o presidente da Federação de Santa Catarina, João Muller, não é possível aumentar o desemprego, "o equilíbrio social e econômico do País exigiria a criação de mais de 50 milhões de novos empregos nesta década de 80".

Já o presidente da Federação Paranaense, Altavir Zaniolo, disse que a posição do Brasil como a oitava economia mundial está incomodando outros países, "só agora as barreiras protectionistas se levantam, certamente porque já somos seus concorrentes. No fundo, não lhes convém que obtenhamos superávit na balança comercial, só possível pela retomada de crescimento econômico. Mas lhes interessa que trabalhem apenas o suficiente para continuar rolando nossa dívida".

Por sua vez, em Porto Alegre, o presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul e vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio, César Rogério Valente, anunciou que os empresários de todo o País definirão em breve uma posição nacional sobre a atual política tributária. O documento com essa posição, disse, já está sendo elaborado pela confederação e será concluído durante um seminário que será realizado no Rio, nos dias 25 e 26.